

**MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN**

*Arabela Rollemberg
Arquitetura e Engenharia*

**INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS – INRC
LEVANTAMENTO PRELIMINAR**

**LARANJEIRAS
SERGIPE, BRASIL**

RELATÓRIO FINAL

2

CONSULTORIA

Aglaé D'Ávila Fontes

Fabricia de Oliveira Santos

ARACAJU, dezembro de 2007.

**INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL**

8ª. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

Superintendente

Eliane Maria Silveira Fonseca Carvalho

Chefe da Divisão Técnica

Marta Maria Silva Chagas



Elaboração do Inventário

Arabela Rollemberg

Arquitetura e Engenharia

Consultoria

Agláe D'Ávila Fontes

Fabírcia de Oliveira Santos

Técnicas do IPHAN – 8ª. SR

Joseane Brandão

Rosângela Marta Siqueira Barreto

Estagiários

Andréia Teixeira dos Santos

Christiane Rocha Falcão

Daniela Moura Bezerra

Evanderson Menezes Pinho

Joyce Paula dos S. Guimarães

Sandra Helena dos Santos

Assistentes Locais

Lucas Rodrigues Modesto

Maria Adelaide F. Ribeiro Vieira

Maria da Conceição de Jesus

Agradecimentos

Prefeitura Municipal de Laranjeiras

Museu de Arte Sacra de Laranjeiras

Comunidade de Laranjeiras

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
1. O INRC EM LARANJEIRAS.....	7
2. SELEÇÃO DA EQUIPE.....	9
3. DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS.....	10
4. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA E PRODUTOS.....	11
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
7. ANEXOS.....	35
Anexo A – Carta.....	36
Anexo B – Termos de Compromisso.....	37

APRESENTAÇÃO

A Importância da memória na construção da História Cultural de Laranjeiras é de fundamental importância. Não é de agora que o patrimônio imaterial vem merecendo estudo, registro e respeito, alternando problemas na defesa pela sua sobrevivência. Considerado como referência na história da humanidade, viu chegar-se a ela os bens imateriais para juntos atuarem na formação da nossa identidade, buscando lugares, gestos, fazeres, atos de fé e festas como elementos determinantes de nossa cultura popular.

As ausências de dados pormenorizados, tanto nos registros oficiais como nos particulares, chama a atenção para o descaso que no passado os bens culturais foram destruídos com conseqüências desastrosas para o mundo atual. A falta de compromisso com o registro, como a memória, nos oferece hoje lacunas evidentes nos dados pesquisados.

E aí, nem só os bens materiais foram atingidos pela inconsequência das ações de muitos, perderam-se também histórias de gentes, de mestres, de fazeres, de saberes que dificultam agora, levantamentos mais profundos.

No caso específico de Laranjeiras há uma preocupação em registrar sua história tanto dos bens materiais como dos imateriais. Morrem os mestres dos folguedos, morrem sua história. Morrem as doceiras, bordadeiras, parteiras e o vento leva suas criações e ações. Desaparecem as referências importantes para a formação da identidade. De certo modo escapam da tormenta os poetas que escrevem seus versos, os pintores que suas telas ou os músicos que registram suas criações na pauta musical. Mas, se não referencia, os quadros e os versos também são esquecidos.

Os valores culturais projetados no espaço geográfico de Laranjeiras deixaram suas marcas profundas não só nos saberes como nas formas de expressão. A sua herança cultural tem sido reconhecida, sobretudo, por todos aqueles que participam do Encontro Cultural de Laranjeiras. Evento criado em 1976 para estudo da cultura

popular do município que vem ocorrendo de forma continuada e sempre observando as mudanças vivenciadas no universo cultural – criações, recriações, processo típico da vivência cultural. De acordo com um dos fundadores do Encontro, Bráulio Nascimento, os estudos, as apresentações de grupos folclóricos vem oferecendo um “mapa do pensamento brasileiro sobre a problemática da cultura popular, nas diversas áreas de suas manifestações.”

É impossível neste país de tantas contribuições étnicas, se falar na cultura popular, sem pôr em evidência Laranjeiras. O Encontro Cultural tem credibilidade e apoio nacional nas esferas Estadual, Municipal e Federal tendo com objetivo estudar as manifestações da cultura popular. Representantes de todos os estados brasileiros e estudiosos fora do Brasil têm participado dos Encontros trazendo discussões mais atualizadas sobre temas instigantes, fazendo uma verdadeira radiografia cultural dos fazeres e saberes do povo, das suas celebrações, rituais e festas populares, além das suas formas de expressão artística.

Nomes importantes como: Bráulio Nascimento, Manuel Diegues Júnior, Nelson Rossi, Luiz Beltrão, Raul Lody, Oswaldo Trigueiro, Beatriz Góis Dantas, Aglaé Fontes, Verônica Nunes, Francisco Alves entre outros, têm, frequentemente, comparecido aos encontros.

Ao longo dos anos somou-se ao Encontro, a Comissão Sergipana de Folclore e seus membros que se fizeram elementos atuantes na continuidade do evento com palestras fundamentais para seu compromisso cultural.

Laranjeiras é assim um grande lócus cultural dos mais importantes não só pela presença de seu patrimônio edificado, mas pelos bens imateriais que guarda. O registro dos valores simbólicos de Laranjeiras requer urgência uma vez que o desaparecimento dos guardiões da memória pode contribuir para a perda dos elementos formadores de nossa identidade cultural. Merece destaque, assim a atuação do IPHAN como a experiência da aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) em Laranjeiras, porque o patrimônio como nos diz Clerton Martins da Universidade Estadual do Ceará: “é algo de valor que se transmite e do qual todos se utilizam, seja individual ou coletivamente”.

O inventário preliminar das referências culturais de Laranjeiras é a possibilidade de construção de um material para pesquisa que possa subsidiar inúmeras possibilidades de salvaguarda desses bens e melhoria da qualidade de vida de quem produz e de quem consome esses bens. Significa, portanto, novas perspectivas de reconhecimento da importância dessas referências culturais para as gerações futuras. Vale ressaltar o que diz a poetisa Adriana Nascimento:

“O futuro não é lugar onde estamos indo. Mas é um lugar que estamos criando”.

1. O INRC EM LARANJEIRAS

O Sítio Laranjeiras e localidades possíveis

Laranjeiras é um dos municípios inseridos na área de influência da Bacia Hidrográfica do rio Cotinguiba. O seu processo de ocupação humana é marcado por sua economia voltada para o cultivo da cana-de-açúcar e, recentemente, a presença da extração de Petróleo, e das fábricas de cimento. No entanto, ainda são visíveis tanto em sua paisagem urbana, quanto na rural, elementos que identificam um passado de grande prosperidade cultural. Essas marcas de ocupação podem ser observadas através da arquitetura (construções civis e religiosas), na produção literária e artística (destaque respectivamente para João Ribeiro e Horácio Hora), e nas diversas manifestações culturais de caráter popular presente nos ofícios e modos de fazer, nas celebrações e formas de expressão, e nos lugares onde são realizadas.

Devido o seu auge econômico, sobretudo, na segunda metade do século XIX, decorrente da produção canavieira, emergiu uma vida urbana economicamente ativa, e ainda nesse século ficou conhecida como a “Atenas Sergipana”. Teatros, jornais, trapiches, embarques e desembarques conferiam essência à paisagem, assim como as festas e tantos outros elementos culturais ainda marcam de forma direta ou indireta a identidade do município. As sobrevivências da escravidão também são sinais evidentes na configuração local, além do estigma de serem associados, rotineiramente, apenas, ao trabalho compulsório, os negros contribuem marcadamente com a feição da história laranjeirense, principalmente nas referências de natureza imaterial, representadas com vitalidade, perseverança e alegria.

As heranças patrimoniais oriundas do processo histórico de Laranjeiras podem ser encontradas em diversos espaços, institucionalizados, ou não. Museus e igrejas são lugares de memória, mas, também os casarios, as ruínas, as praças, as pontes, as palmeiras imperiais, o rio Cotinguiba. Também há memória nos versos, nos ditos, na toponímia das ruas, no calçamento de pedra, nas procissões, entre os “guardiões de memória da paisagem”, nos detalhes pouco percebidos, porém, com marcas de um tempo de antes

No âmbito das discussões da metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, a conceituação para sítio, está assim prescrita: “um sítio poderá ser pensado como uma rede de localidades reconhecidas pelos atores sociais como uma totalidade cultural e territorialmente diferenciada” (CORSINO e ARANTES NETO, 2000, p. 15). Por outro lado, alguns elementos podem colaborar com a delimitação de áreas a serem inventariadas: os critérios jurídicos (por exemplo, uma área tombada), sócio-políticos (território associado a uma etnia) ou temáticos (a área onde se encontra disseminado determinado bem cultural) (CORSINO e ARANTES NETO, 2000, p. 14).

Laranjeiras possui o seu “conjunto histórico e artístico urbano” tombado desde o ano de 1996 (Portaria do MinC de 20 de 07 de março de 1996) e tombamento estadual que a elevou à categoria de Cidade Monumento por Decreto Governamental N. 2048, de 12 de março de 1971. O sítio histórico tombado corresponde parte da área urbana da cidade.

Além de figurar como cidade na lista dos Sítios Históricos Urbanos Nacionais, há tombamento de um bem imóvel isolado, a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus. Construção do século XVIII que pode ser inserida na categoria de “lugar”, por figurar com uma das edificações que congrega diversas referências culturais, além de seus elementos históricos e arquitetônicos que a caracterizam como um elemento identitário na paisagem do município.

No inventário preliminar do INRC para Laranjeiras, além da área urbana, vislumbra-se a possibilidade de inclusão de localidades situadas na área rural a exemplo dos povoados Bom Jesus, Pastora, Cedro, Vila do Faleiro, Machado, Quintalé, e Mussuca¹, comunidade esta com certificação de quilombola e com uma série de referências culturais reconhecidas por seus habitantes, como o Samba de Coco, o Samba de Pareia, os terreiros de Candomblé e o São Gonçalo. Sobre essa última DANTAS (1976, p. 4) observou que “a economia açucareira e a presença do negro marcaram a história e a feição de cultural de Laranjeiras. Na área rural desse município sergipano, na localidade denominada Mussuca, um grupo de especialistas realiza a Dança de São Gonçalo.”

¹ Certificação publicada no Diário Oficial da União em 06 de janeiro de 2006. Fonte: www.palmares.gov.br. acessado em 31/10/2007.

Convém observar que cada bem inventariado recebe um número, os números grifados em amarelo nos formulários preenchidos que seguem apensos neste relatório são informações obtidas na base de dados do Sicabi da 8ª. Superintendência Regional do IPHAN.

Nas fichas de registro de bens identificamos também alguns objetos intimamente relacionados às referências culturais imateriais.

2. SELEÇÃO DA EQUIPE – estagiários e assistentes locais

A seleção da equipe ocorreu mediante divulgação prévia de edital, o qual previa como pré-requisitos para inscrição: “cursando nível superior nas áreas de História, Geografia, Ciências Sociais, Artes, Comunicação Social”. Além da análise do currículo, os candidatos foram também submetidos a uma entrevista fundamentada no currículo do candidato e no seu conhecimento sobre o objeto central do INRC, as referências culturais. No final, o resultado obtido foi a escolha de pessoas das áreas supracitadas, exceto de Artes.

Os assistentes locais, por sua vez, foram selecionados a partir da significação que possuem entre a comunidade. Integram a equipe a filha de um antigo mestre de grupo folclórico, um estudante de turismo e com participação em projeto semelhante a este, e uma líder de grupo folclórico.

3. DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS

Após a seleção dos estagiários e escolha dos assistentes locais, as atividades foram desenvolvidas de acordo com o seguinte cronograma:

No.	Atividade	Em que consiste	Objetivo	Período	Local	Obs.
01	Consulta ao SICABI / IPHAN às fichas de registro de produção audiovisual, de jornais, de livros e outras publicações referente ao levantamento de bens imateriais do IPHAN (2004-2005); e preenchimento de ficha do INRC – Anexo 1)	Consulta ao banco de dados de referências bibliográficas do IPHAN (8ª. SR) referências bibliografias que contemplam o sítio Laranjeiras.	Contribuir para o preenchimento do Anexo 1 - Bibliografia	Outubro	IPHAN – 8ª. SR	Como o Sicabi não estava disponível as pesquisas foram realizadas na 8ª. SR por ser a depositária das fichas em papel.
02	Consulta ao acervo da Biblioteca da 8ª. SR	Pesquisar referências bibliográficas e projetos do IPHAN referentes ao sítio Laranjeiras	Contribuir para o preenchimento do Anexo 1 - Bibliografia	23 a 26/10/07	IPHAN – 8ª. SR	O material bibliográfico dessa biblioteca não está na base Sicabi porque à época da pesquisa encontrava-se em fase de organização
03	Consulta aos catálogos de fontes primárias do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) e Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IGHSE)	Identificar informações sobre o sítio Laranjeiras	Contribuir para o preenchimento da Ficha de Sítio, identificar informações sobre a formação histórica de Laranjeiras, e bens culturais, de forma a obter dados que colaborem na compreensão do processo de formação das referências culturais.	29 a 31/10/07	APES IHGS	Concluída a consulta
04	Sistematização dos dados	Digitação e análise dos dados obtidos, e encaminhamento por e-mail.	Disponibilizar os resultados.	05 a 13/11/2007	Arabella Rollemberg Arquitetura e Engenharia	-
05	Pesquisa de campo	Identificar referências culturais em Laranjeiras	Preenchimento dos Anexos 3 e 4	Início: 12/11 a 12/12/2007		-

4. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA E PRODUTOS

a) Leitura do Manual de Aplicação do INRC

A leitura do Manual elucidou algumas questões referentes a como proceder com as pesquisas nesta fase preliminar, a qual indica a sequência de preenchimento das seguintes fichas:

- Campo – FC1
- Sítio – F10
- Anexo 1 – Bibliografia
- Anexo 2 – Registros audiovisuais
- Anexo 3 – Bens culturais inventariados
- Anexo 4 - Contatos

b) Pesquisa Bibliográfica

Foi efetuada consulta no sistema de busca ao acervo da Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe sobre referências a Laranjeiras de forma a obter dados para a caracterização do referido sítio e de suas respectivas localidades, como também na Biblioteca Pública Epifânio Dória, e na Biblioteca Municipal, na Casa de Cultura João Ribeiro, em Laranjeiras.

c) Consulta ao Sicabi – Sistema de Cadastro de Bens Imateriais de Sergipe

Para compreensão da consulta a esse sistema deve-se historiar a sua construção no âmbito da 8ª. Superintendência Regional do IPHAN, ocorrida no período de 2004 a 2005, quando foi efetuado por meio dessa Superintendência um levantamento bibliográfico que, na sua primeira fase, em 2004, identificou livros, revistas, folhetos, dissertações, monografias, teses, guias, entre outros, ficando os jornais e os documentos audiovisuais para o ano de 2005. Todo o material consultado durante o levantamento foi registrado em 03 (três) fichas específicas para cada tipo de suporte documental (livros e demais publicações, jornais e documentos audiovisuais – ver Anexo B). O objetivo desses registros foi o inventário de bens culturais de natureza imaterial no acervo bibliográfico consultado

em diversas instituições sergipanas e acervos particulares, esses bens, de acordo com a metodologia adotada para o INRC, foram classificados na seguinte tipologia: ofícios e modos de fazer; formas de expressão, celebração e lugares.

O resultado do inventário, a princípio, gerou um banco de dados – SICABI – que contém como base primordial das informações registradas manualmente, o “espelho” digitado de cada um das fichas, sendo que cada uma delas corresponde a uma referência bibliográfica inventariada – um livro, uma tese, um folheto. Cabe destacar que, apesar da digitação e inserção integral do conteúdo de todas as fichas no banco, o suporte em papel permanece conservado, assim, tem-se a informação em dois suportes – mídia digital e papel.

No banco de dados, os campos da ficha foram articulados de acordo com as necessidades de consulta ao referido banco de forma a vincular informações e obter possíveis relatórios. A partir da consulta desse sistema é possível ter acesso, além do conteúdo das fichas na íntegra, como também às seguintes informações: relatórios que relacionam sítio/bens, bens/tipologia, autores, sítios, bens, por enquanto a única lacuna refere-se à consulta às fichas de registro de produção audiovisual, há campos diferenciados das demais, (exemplo ao invés de autor, artista) o que está em estudo o estabelecimento de comandos para uma lógica coerente de consulta.

No Inventário Preliminar, seguindo a metodologia prevista, é necessário o preenchimento de um conjunto de instrumentos de pesquisa, entre eles uma ficha de registro de produções bibliográficas e audiovisuais (os Anexos 1 e 2) que contemplam o sítio em estudo. Desse modo como há um levantamento pré-existente, e um banco de dados para consulta, a primeira atividade foi a de consultar essas informações e preencher as fichas a partir da identificação de dados sobre Laranjeiras.

Porém, cabe ressaltar que o inventário bibliográfico anterior não visou abranger o universo em pauta, não foram consultadas, por exemplo, as legislações, as coleções cartográficas, a documentação primária presente em arquivos, e os jornais publicados anteriores a década de 1930, como também aqueles de menor periodicidade, itens esses necessários nessa fase atual de levantamento preliminar do INRC. Ressalta-se também que o universo de consulta estabelecido para os jornais foi limitado até o ano de 2000.

Diante o Sicabi estar passando por novas configurações, os estagiários, nessa primeira fase, consultaram as fichas em papel de todas as etapas do inventário.

Além da consulta ao Sicabi foi efetuada também uma busca por informações relativas a Laranjeiras no Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES):

ATIVIDADES NO ARQUIVO PÚBLICO DE SERGIPE (APES)

Nº do Ofício	Ano	Assunto	Onde encontrar
40	01/11/1840	Remetido ao presidente da Província pelo vigário José Pinto de Almeida comunicando que afixou o edital na forma da lei na porta da Igreja Matriz de Laranjeiras.	Inventário Analítico da série AG4 Acervo Geral do Clero Catálogo 01-B/APES
69	20/10/1841	Encaminhado ao vice-presidente pelo vigário José Joaquim de Campos. Remetendo batizados, casamentos e óbitos. Referente ao 1º semestre em Laranjeiras. Anexo o mapa, sem data.	Inventário Analítico da série AG4 Acervo Geral do Clero Catálogo 01-B/APES
96	08/07/1842	Encaminhado ao presidente pelo vigário José Joaquim de Campos. Remetendo batizados, casamentos, óbitos. Referente ao 1º semestre em Laranjeiras. O mapa não está anexo	Inventário Analítico da série AG4 Acervo Geral do Clero Catálogo 01-B/APES
110	1840	Mapa de batizados, casamentos e óbitos. Referente à Freguesia de Laranjeiras no 1º semestre em Laranjeiras. Sem data e sem o nome do vigário.	Inventário Analítico da série AG4 Acervo Geral do Clero Catálogo 01-B/APES
		Batizados, casamentos, óbitos. Referente ao 2º	Inventário Analítico da

113	Sem data	semestre em Laranjeiras. Remetido vigário José Joaquim de Campos. OBS.: O mapa foi retirado por está danificado	série AG4 Acervo Geral do Clero Catálogo 01-B/APES
-----	----------	---	--

INVENTÁRIO ANALITICO DA SÉRIE AG4 vol. AG4 /O5 ACERVO GERAL DO CLERO

CATALAGO 01-B

Nº DO OFICIO	ANO	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR
40	1846	Batizados, casamentos, óbitos. Freguesia do Santíssimo Coração de Jesus da vila de Laranjeiras	Inventário Analítico da série AG4 vol. AG4 /O5 Acervo Geral do Clero /APES.
90	1846	Batizados, casamentos, óbitos. Freguesia do Santíssimo Coração de Jesus da vila de Laranjeiras	Inventário Analítico da série AG4 vol. AG4 /O5 Acervo Geral do Clero /APES.
140	1846	Batizados, casamentos, óbitos. Freguesia do Santíssimo Coração de Jesus da vila de Laranjeiras	Inventário Analítico da série AG4 vol. AG4 /O5 Acervo Geral do Clero /APES.
152	1846	Batizados, casamentos, óbitos. Freguesia do Santíssimo Coração de Jesus da vila de Laranjeiras	Inventário Analítico da série AG4 vol. AG4 /O5 Acervo Geral do Clero Catálogo 01-B/APES.
		Batizados, casamentos, óbitos. Freguesia do Santíssimo Coração de	Inventário Analítico da série AG4 vol. AG4 /O5 Acervo Geral do Clero /APES.

173	1846	Jesus da vila de Laranjeiras	
186	1846	Batizados, casamentos, óbitos. Freguesia do Santíssimo Coração de Jesus da vila de Laranjeiras	Inventário Analítico da série AG4 vol. AG4 /O5 Acervo Geral do Clero /APES.
203	1846	Batizados, casamentos, óbitos. Freguesia do Santíssimo Coração de Jesus da vila de Laranjeiras	Inventário Analítico da série AG4 vol. AG4 /O5 Acervo Geral do Clero /APES.

ACERVO GERAL¹ 03

Nº DO OFICIO	ANO	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR
20	04/07/1875	Ofício da Junta de Classificação de escravos comunicando reunião. Tem como sitio Laranjeiras.	Acervo Geral ¹ 03/APES
21	01/08/1875	O ofício comunica a continuidade dos trabalhos acima citados.	Acervo Geral ¹ 03/APES

ACERVO PARTICULAR DE BALTAZAR DE GÓES

Nº DE ORDEM	ANO	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR
02	1888	Um telegrama de saudação ao Laranjeirense, órgão de idéias republicas em Laranjeiras.	APES
05	1889	Manifesto ao Partido Republicano de Laranjeiras por Itaporanga.	APES
79	1889	Traz a adesão à República de um cidadão de Laranjeiras	APES

ACERVO PARTICULAR DE SEBRÃO SOBRINHO AD. SS. COLEÇÃO R.A. 328. V 27

Nº do Ofício	Ano	Assunto	Onde encontrar
40 e 41	1851	Parecer da Comissão de Justiça. Anexo, ofício do professor do povoado dos Pintos tremo de Laranjeiras.	APES
		Parecer da Comissão de Justiça Civil e Eclesiástica. Anexo, ofício de José F. Cavalcanti Lins e Silva da Freguesia de Bom Jesus de Laranjeiras. Assembléia Provincial.	APES

57	1857		
----	------	--	--

d) Pesquisa de Campo

As pesquisas de campo procederam de forma a obter o preenchimento dos Anexo 3 – Bens, e o Anexo 4 – Contatos. Toda a equipe participou, porém com um trabalho mais acentuado dos estagiários e dos assistentes locais, cujas presenças foram de importância fundamental. Para facilitar o contato com informantes sobre referências culturais, foi construída uma carta (Anexo A) para apresentação dos pesquisadores em campo, assim como também foi elaborado um termo de cessão (Anexo B) de depoimentos e de imagens para ser preenchido junto aos informantes. Convém ressaltar que um número significativo de contatos não aceitou preencher o termo e/ou não concordaram em repassar informações sobre as referências culturais as quais são depositários do saber.

As informações registradas nas fichas de bens e de contatos procuraram respeitar o que foi dito pelos informantes e o que foi observado em campo. No entanto, observa-se que há grandes possibilidades de aprofundamento de cada registro, mas, esse deve ser um dos procedimentos das etapas posteriores deste INRC, resguardando nesse momento apenas o caráter preliminar. Não é um procedimento negligente, ao contrário, uma postura adotada de acordo com a metodologia prescrita para esse processo inicial da pesquisa e de acordo com o tempo exequível para a mesma, 60 dias.

Apesar de não estar inclusa a transcrição de entrevistas nesta fase, foram efetuadas 14 (quatorze) entrevistas com “contatos”, deste total foram, quatro foram feitas transcrições pontuais destacando os elementos relativos às referências culturais.

Entrevistas – transcrições parciais:

1. Contato – referência: **SE LAR 07 F1 A4 5**

Entrevista realizada com Mãe Bárbara em sua casa localizada na Rua Umbelina de Araújo. A entrevista foi feita no dia 12 de novembro de 2007 por Joseane, técnica do Iphan em Ciências Sociais; e pelas estagiárias Daniela Moura e Christiane Falcão.

Mãe Bárbara

A jovem Bárbara Cristina dos Santos, Alôxa do terreiro Santa Bárbara Virgem e participante do grupo folclórico Taieiras. Bárbara tem 20 anos e é filha adotiva de Dona Lourdes, sucessora de sua madrinha Umbelina de Araújo, Mãe Bilina, no comando das Taieiras e do Nagô. Bárbara é estudante do curso de Pedagogia e segue piamente sua vida espiritual como dirigente daquele que ela trata como o terreiro Nagô mais fiel a África do Brasil.

Taieiras

Acerca das Taieiras, Bárbara confirma que o cruzamento entre o Nagô e o grupo folclórico ocorreu quando Mãe Bilina, de linhagem Nagô direta principalmente por parte de sua avó, herdou o grupo de Isméria, mãe de Calú. O grupo tem como principal objetivo louvar os santos São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

O grupo tem como atividades iniciais para cada ano os ensaios aos domingos do mês de novembro seguinte ao Encontro Cultural que se realiza nos meses de janeiro de cada ano, na festa dos Santos Reis. No dia primeiro de janeiro ocorre o ensaio geral e aproximadamente no dia seis de janeiro, caso seja ao fim de semana, ocorre a apresentação oficial do grupo, no domingo do Encontro Cultural. Os ensaios são realizados no barracão da Irmandade, onde sempre deverão ser realizados.

As Taieiras são coordenadas por Cisa, que também pertence ao Nagô, juntamente com Bárbara.

Existem outros grupos do folguedo Taieira em Sergipe. Os mais conhecidos estão em Lagarto e São Cristóvão. O grupo em Laranjeiras está vinculado à Associação dos grupos folclóricos do município.

Participantes

Ao todo são 35 brincantes no grupo, mas esse número pode variar. As participantes dos cordões são chamadas guias. A faixa etária é de 05 a 20 anos, e as participantes moram ou em Laranjeiras ou em Aracaju. As guias mais novas também são chamadas de Omadês, e caso venham a ter algum relacionamento amoroso são obrigadas a se retirar do grupo.

A virgindade é um requisito indispensável para as meninas participarem do Nagô. A justificativa dada pela jovem é que seria um requisito imposto pela religião nagô. Além das guias, participam do folguedo a Rainha Perpétua. Anteriormente existia também mais uma rainha. As guias não necessariamente pertencem ao culto afro, mas as rainhas sim. Ainda acerca da virgindade, Bárbara nos fala que em sua condição de dirigente do culto, nunca poderá se casar, nem mesmo constituir relacionamentos amorosos. Grifo meu: seria uma explicação possível o fato de que em África, os adeptos são tidos como esposos dos orixás, e não como filhos, como no Candomblé no Brasil.

Existem ainda cinco personagens masculinos no folguedo, são eles: o Rei de Congo, o ministro, o patrão e os capacetes.

Música

Fazem o instrumental das Taieiras: querequexés tocados pelas guias; paus, que possivelmente remetem a alguma esgrima; cestinhas; e um tambor tocado pelo patrão. Os cânticos são na maioria de louvor aos santos, mas alguns são tirados de acordo com a circunstância.

Indumentária

As roupas das brincantes são brancas e vermelhas por conta de remeterem às cores do Nagô. Outras cores que aparecem nas fitas simbolizam, segundo Bárbara, os outros orixás. As flores no chapéu são a representação do louvor a São Benedito. Bárbara conta que São Benedito era escravo e que tinha acesso à casa grande. Sendo de bom coração, São Benedito por vezes pegava comida da cozinha e levava para escravos com fome ou castigados. Certa feita, com riscos de ser descoberto, São Benedito deixa a comida para os escravos, e tendo o senhor de engenho desconfiado de algo, teria esse questionado o escravo acerca do que levava consigo, e teria como resposta que ali havia flores. Indo ao encaço da comida e na iminência de descobrir o que acontecia, o senhor de engenho violentamente apanha o cesto onde estava a comida e como num milagre ali só havia flores. Esse milagre foi atribuído a São Benedito, e hoje, as flores do milagre enfeitam os chapéus das Taieiras.

As rainhas possuem uma roupa diferenciada e portam um cajado com flores de São Benedito.

Para a festa de 2008, as roupas já estão sendo confeccionadas. Podem-se ver alguns chapéus quase prontos, próximos a uma máquina de costurar na casa de Bárbara. Quem financia o material para as vestes é a Prefeitura Municipal de Laranjeiras, exceto pelo ano de 2006 que a Fafen cedeu o material.

Evolução

No domingo da Festa de Reis, o grupo vai ao porto e saúda à Yemanjá, mesmo o rio sendo de água doce. Depois, o grupo assiste à missa, ocorrendo ao fim a coroação da Rainha Perpétua feita pelo padre que celebra a missa, na igreja de São Benedito. Logo após, as Taieiras iniciam a louvação aos santos já citados. O grupo aguarda os grupos Chegança e Cacumbi para as visitas em casas de pessoas conhecidas ou que tenham convidado os grupos. Ao meio dia, todos almoçam juntos e aguardam a saída da procissão, em que participam todos os grupos da cidade.

As danças ocorrem com as guias distribuídas em duas fileiras em forma de meia lua. Bárbara destaca o momento do “Alê”, em que as guias dançam com as varetas cruzadas.

Irmandade e Terreiro Santa Bárbara Virgem

Segundo Bárbara, o terreiro Nagô Santa Bárbara Virgem é único dentre os Nagôs no Brasil, apesar dessa não conhecer nenhum outro terreiro, o que seria não permitido. O terreiro é aclopado a sua casa, ou seria ao contrário. A mais famosa dirigente do Nagô foi Mãe Bilina, neta de uma africana da linhagem Nagô. Bilina teria sua vida relatada principalmente nas obras da antropóloga sergipana Beatriz Góis Dantas em seus livros “Taieiras de Sergipe” e “Vovó Nagô, Papai Branco” (grifo meu).

Dinâmica e rituais

O calendário de liturgias do terreiro segue o ciclo do inhame, e não o calendário cristão como ocorre em alguns Candomblés e outros cultos de matriz africana (grifo meu). As principais festas seriam:

Setembro – corte do inhame, ocasião em que oferece a safra ao orixá Abacossô.

Outubro – Festa para o orixá Ilogodô.

Fevereiro – Festa para Iansã, que no Brasil foi sincretizada com Santa Bárbara.

Abril/ Maio – De dois em dois anos se realiza nesses meses uma festa para todos os orixás.

Vestes e amuletos

As vestes do Nagô são todas brancas, o que, segundo Bárbara, seria uma referência à paz, ao axé. Observou-se nas fotos que estavam expostas na sala de estar da casa, onde foi feita a entrevista, que durante o ritual, Bárbara usa um manto azul, que seria a cor representativa de Yemanjá, a orixá de cabeça da jovem.

Durante a entrevista, a Lôxa portava uma guia de cor branca, que também seria relativa à Yemanjá.

Hierarquia

Os cargos do Nagô seriam:

Lôxa, que é Bárbara e cuja subida como dirigente ocorreu há dois anos; o Patrão ou Ogã de faca, grande autoridade da casa que juntamente com Bárbara é responsável pelas maiores obrigações, Mãe Pequena, que seria Cisa; Ogã, aqueles que tiram os cânticos e auxiliam no corte; as cabaceiras, que tocam cabaças; e os tambozeiros.

Segundo a Lôxa, o terreiro possui mais de 150 filhos, sendo pelo menos 50 desses seus filhos. Algumas obrigações ainda não foram feitas pela Mãe de Santo, como, por exemplo, o jogo de búzios, para o qual declara ainda estar sendo preparada.

O espaço

O terreiro é composto principalmente pelo barracão, pelo quarto de santo e a cozinha. Segundo Bárbara, a latada, como era conhecido o barracão, era localizado em frente à sua casa, e era de taquara, mas com o progresso do município, era bastante incômodo realizar os ritos naquele local. Então foram consultados os orixás para obter sua permissão para que se construísse o barracão atual, e alvenaria.

2. Contato – referência: **SE LAR 07 F1 A4 8**

Entrevista com Evandro Bispo, maestro da Filarmônica Santa Bárbara, Pai Juá do Lambe-Sujo e estudioso da história e cultura do município de Laranjeiras. Realizada ao dia 21 de novembro de 2007, pela estagiária Christiane Falcão.

Evandro de Jesus Bispo

Evandro é militar, radicado no Corpo de Bombeiros, onde faz parte da banda de música; além de ser maestro da Filarmônica Santa Bárbara, de Laranjeiras. Ele inicia o depoimento contextualizando a música em Laranjeiras. Segundo Evandro, existiam cerca de cinco bandas de música no município, até aproximadamente a década de 70, período em que essas encerraram suas atividades, e nada delas

ficou registrado. Restaram algumas poucas composições do musicista Manuel Bahiense, compositor com respaldo nacional, que participou do concurso para eleição do Hino Nacional, ficando em quarto lugar, tendo sido suas notas baixas pelo fato de haver como requisito ao compositor, esse ir reger uma orquestra defendendo pessoalmente sua peça. Bahiense não teria ido, e mesmo assim conseguiu o quarto lugar no concurso. O Hino de Laranjeiras foi por ele escrito.

Acerca da vida musical de Laranjeiras, Evandro nos conta ainda a respeito das rivalidades das bandas. Há muito, a Igreja financiava algumas filarmônicas, como as extintas Santa Cruz, Nossa Senhora do Rosário. No início do século XX, por volta do ano 10, viam-se nas procissões religiosas as bandas se revezando para que todas ali pudessem tocar. Como curiosidade, Evandro relata que a cidade tinha um grande vínculo com a música clássica, fato que podia ser visto, por exemplo, quando naquele tempo, todas as casas que têm vistas para a Praça da Matriz tinham pianos. Voltando a rivalidade das bandas, o maestro nos conta que havia, certa época, duas bandas não financiadas pela Igreja; a União dos Artistas, e um outra banda financiada por alguns comerciantes da cidade. Certa feita, um empresário francês viu a banda da União dos Artistas tocar, teria prometido um instrumental novo para a banda. O francês cumpriu a palavra, e enviou da França um instrumental novinho em folha, além de algumas partituras inéditas. Aproximava-se a Festa de Bom Jesus dos Navegantes, e as bandas deveriam se apresentar na festa. A União dos Artistas, para fazer surpresa, começou a ensaiar na Gruta da Pedra Furada, e a banda rival teria enviado um espião para copiar as partituras. No dia da festa, a banda executava na escadaria da Igreja a mesma peça que a banda União dos Artistas executava quando vinha cruzando a cidade.

Ainda sobre esse panorama, Evandro conta que as bandas funcionavam como conservatórios, e formavam muitos músicos em suas escolinhas.

Filarmônica Santa Bárbara

O regente alega que a banda não é exatamente uma filarmônica, apesar de ser chamada dessa forma. Alguns naipes ainda estão incompletos ou inexistentes, por conta de que os músicos que possivelmente vão assumi-los ainda estarem em preparação.

Segundo ele, uma banda precisa de no mínimo 36 músicos, que é o número ideal para se manter o equilíbrio.

Seriam os naipes da banda e sua composição atual:

02 flautas; 12 clarinetes; 03 saxofones altos, o que seria muito, apenas 02 é o ideal; 01 saxofone tenor, o ideal seriam 02; 04 trompetes; 04 trombones; 02 tubas; 05 percussionistas; e a banda está desfalcada de bombardino, saxofone barítono e trompas.

Concertos

O repertório foi montado em cima do que se tem no instrumental da banda, conta Evandro, e como gêneros, ele aponta uma tipologia variada, como o baião, jazz, samba, frevo, marchinha, e, é claro, as peças clássicas. Um dos projetos do maestro é inserir no repertório músicas ou composições que tenham como referências diretas as músicas do Folclore Laranjeirense, e relata como uma tentativa já bem sucedida, a execução de uma composição sua intitulada “Atenas Sergipana”.

Evandro relata que como na cidade ainda não é tradição se assistir a banda filarmônica e a fanfarra, ele opta por realizar concertos didáticos, explicando a função e a sonoridade de cada instrumento, e especificando também cada gênero das peças tocadas.

Órgão de tubos da Igreja Sagrado Coração de Jesus

Doado pelo Barão de Laranjeiras, o senhor Felisberto de Oliveira Freire, o órgão foi trocado por sacos de feijão para que pudesse vir da Inglaterra. Segundo conta Evandro, existem registros de que o Barão de Maruim teria ficado enciumado e comprado um para doar à Igreja Matriz de Maruim. O órgão de Maruim já não existe mais. Vindo da Inglaterra, o órgão desembarcou na Bahia, e de lá veio com um organeiro que montou o órgão de forma incorreta, numa posição lateral, quando esse deve ficar de frente para o altar. Em 1986, na última manutenção que o órgão recebeu, o organeiro Rigatto o desmontou e o colocou no lugar correto.

O órgão é o instrumento por excelência da Igreja Católica, podendo ser substituído unicamente pelo Harmony. O órgão de tubos de Laranjeiras é composto por 226 tubos, que seriam flautas dos mais variados tamanhos, entre 12 centímetros e 2 metros.

Antigamente, o órgão funcionava com o bombeamento de ar através de um fole, que um escravo ficava a manusear durante a utilização do órgão. Hoje, o órgão funciona com um motor que faz esse trabalho automaticamente.

Para a Festa do Sagrado Coração de Jesus, o maestro Bahiense compôs hinários, tentando manter a tradição das peças líricas. Depois de 1972, os padres juntaram as novenas às missas, e algum conflito se formou quando os padres quiseram abolir a novena com as músicas de Bahiense. Evandro relata que o órgão é muito querido pela comunidade católica de Laranjeiras.

Sua última manutenção foi realizada em 1986, quando o ideal é que seja feita de dois em dois anos, por ser um instrumento muito sensível e de difícil afinação.

Evandro destaca como grande entusiasta da cultura de Laranjeiras, o padre Philadelfo, que juntamente com a professora e musicista Zizinha Guimarães ao órgão, realiza belíssimos concertos religiosos nas novenas, sendo ele detentor de uma bela voz e de uma bela oratória, ele podia levar as pessoas às lágrimas.

Penitentes

O grupo dos penitentes surge, segundo Evandro, da iniciativa de fiéis católicos leigos, como manifestação do Catolicismo Popular.

Antes de explicar a dinâmica das orações, Bispo discorre acerca do conceito católico de pecado. Para ele, pecado é uma ofensa a Deus ou ao próximo. Existem dois tipos de pecado: o mortal, que leva o pecador ao inferno no dia do seu juízo final; e o veniente, que leva o pecador ao purgatório, a fim de que esse seja punido e possa reparar seus erros. Uma vez já morto, o pecador teria essa dificuldade em reparar o erro, e essa reparação poderia ser substituída por uma indulgência. O grupo tem fundamento na comunhão dos santos, como sinal de ligação entre os batizados vivos, e os batizados mortos. Os batizados mortos podem ser triunfantes, aqueles que estão no céu; ou podem ter ido ao purgatório.

Os Penitentes parte da premissa de que sendo todos batizados, os vivos podem ajudar a reparar os erros das almas do purgatório, então os penitentes rezam na intenção desses mortos que não puderam corrigir seus pecados em vida, tendo como prioridades, aqueles que morreram por morte violenta.

Durante o período quaresmal, às segundas, quartas e sextas, meia-noite, o grupo se reúne no cemitério do Senhor do Bomfim a fim de iniciar a caminhada penitencial por sete cruzeiros a cada noite, sempre finalizando no cruzeiro da Igreja Matriz.

Os penitentes vestem túnicas brancas, marcadas por um cordão branco na cintura, que representa a castidade; e uma máscara branca. A máscara, possivelmente tem referência espanhola, é usada por conta dos possíveis constrangimentos que poderia ser rezar por pecados, podendo a população ficar apontando: “Fulano deve pecar muito para estar rezando tanto”.

Do grupo fazem parte músicos, que além de rezar, cantam músicas de louvor. Nessa ocasião, o que substitui os sinos, importantes instrumentos do catolicismo para indicar celebração, é a matraca, que por estar nos últimos momentos de Cristo, não pode soar como festiva. A matraca também é um chamado para que as pessoas em suas casas rezem também pelas almas do purgatório.

Duas devoções são as principais: ao Senhor Morto, que culmina na sexta-feira da paixão; e ao Senhor do Bomfim, o Cristo crucificado.

O grupo é composto por aproximadamente 25 membros, todos homens, maiores de 18 anos. Para que menores possam participar é necessária a autorização dos pais. A composição é de tipos variados, desde fiéis assíduos as celebrações da igreja, como usuários de drogas em recuperação, entre outros.

As caminhadas penitenciais são feitas com o grupo dividido em duas fileiras, e na frente vão dois homens portando tochas. No meio dos dois, vai alguém levando o crucifixo. A matraca é carregada por aquele que vem ao fundo.

3. Contato – referência: **SE LAR 07 F1 A4 6**

Entrevista com José Ronaldo de Menezes, mais conhecido como seu Zé Rolinha. A entrevista foi realizada na Casa do Folclore Zé Candunga, na manhã do dia 13 de novembro de 2007 pelas estagiárias do Iphan Daniele Moura e Christiane Falcão.

José Ronaldo de Menezes

Zé Rolinha, além de ser responsável pela Casa do Folclore Zé Candunga, é presidente reeleito da Associação dos Grupos Folclóricos de Laranjeiras, líder do grupo dos Lambe-Sujos, capitão piloto da Chegança Almirante Tamandaré e membro do batalhão junino Bloco Vermelho e Branco.

No começo de sua fala, Zé Rolinha se refere a cinco grupos folclóricos autênticos dentre os grupos de Laranjeiras: Chegança, Taieira, Cacumbi, São Gonçalo, que segundo ele teriam mais de 200 anos, e trata o Lambe-Sujo x Caboclinhos como grupo autêntico também apesar de ser mais recente. A forte influência negra é colocada como dado importante, sendo justificada pela existência no passado de mais de setenta engenhos de cana-de-açúcar, tendo a produção do açúcar seu apogeu no século XVIII.

Antes de entrar no assunto que de ante-mão nos levou ao seu encontro, o popular discorreu acerca de sua trajetória desde menino influenciado pelo tio, um folclorista local, narrando a incidência de brincadeiras populares como pau de sebo e quebra pote como acontecimentos incentivados por seu tio, o folclorista e trovador José Dioscódio, e por seu amigo e também folclorista Zé Candunga. Ainda tratando de sua família, o folclorista relata que seu avô, Marcionílio Bispo de Menezes teria vindo do município de Santo Amaro a bordo de um saveiro com a intenção de trabalhar como oleiro na produção de tijolos e telhas, sendo algumas dessas peças vendidas para as obras da construção da capital sergipana. Marcionílio era conhecido como mestre, por ter ainda habilidades como artesão de trabalhos em palha, cipó e madeira.

Quando Zé Rolinha era então menino, não revelando na entrevista sua idade na época, seu Tio Dioscódio era coordenador e cacique do grupo dos Caboclinhos, tendo herdado a posição de um senhor chamado Antônio de Dona. Anteriormente, Umbelina de Araújo, Mãe Bilina, teria pedido ao pai de Zé, Lucas, para que ele participasse da Taieira. O pai teria negado. Tempo depois, o tio teria o colocado como caboclinho, mesmo o pai tendo alegado que ele era muito pequeno e que “não agüentaria”. A mãe de Zé Rolinha teria confeccionado a roupa de índio, com penas de galinha. Ele conta que algumas mães confeccionavam as roupas dos pequenos índios com palha de Imburi, quando não podiam fazê-lo com penas de galinha. Aponta Dona Celina como boa produtora das peças com essa matéria-prima.

Certa feita, o líder dos grupos dos Lambe-Sujos na época, Ambrozino Ramos, mais conhecido como Seu Raminho, chamou Zé Rolinha para ajudar a “tirar o esmolado”, que seria a ida de alguns componentes dos dois grupos, Lambe-Sujos e Caboclinhos, à feira para conseguir os ingredientes da tradicional feijoada servida no domingo da festa, ao meio dia.

No grupo Chegança, Zé Rolinha começou como gajeiro na época em que Oscar Ribeiro era o líder do grupo. Ele conta que era preciso cantar para que os mais velhos analisassem seu tom de voz, e que os dirigentes eram muito rígidos e disciplinadores. Com a doença de Oscar, a Chegança teria parado por cinco anos.

Chegança Almirante Tamandaré

Zé Rolinha se refere à Chegança como “uma ópera popular” e explica que o surgimento do folguedo tem relação com a história da nau da Marinha de guerra portuguesa que se perde no mar e é arrastada pelas correntezas sem vista alguma para terra firme. Desesperados, os tripulantes teriam feito uma prece à Virgem e à Santa Bárbara. Assim que chegaram à terra firme, realizaram um louvor às santas e a partir dali, todas às vezes eles louvavam a suas heroínas. Tal fato colocaria a Chegança como grupo folclórico religioso, segundo ele. Em uma dessas andanças, essa nau teria se deparado com os reis turcos, encontro esse que seria o enredo da Chegança. O brincante afirma com segurança que uma Chegança com as características da Almirante Tamandaré só seria encontrada em Portugal, o que conferiria mais respaldo.

Participantes

Segundo Zé Rolinha, desde a época de Oscar Ribeiro, a quantidade de brincantes na Chegança varia entre 28 e 32 pessoas, sendo possível que se brinque até 45 pessoas. Os brincantes estariam divididos em três grupos: Marujos, Oficiais e Mouros.

Os marujos seriam os calafatinhos ou gajeiros, aqueles que seguram a corda e guardam a agulha de Mariá; dois cabo-guardiões.

Os oficiais seriam: o padre-capelão; o doutor-cirurgião; 2º. Tenente; 1º. Tenente; Contra-Mestre; Capitão Patrão; Capitão Tenente; Capitão Piloto, posição a qual pertence Zé Rolinha; Vice-Almirante; Comandante, que segundo Zé Rolinha não existe na Marinha verdadeira, mas como se trata de folclore é possível a existência; e o Chefe- Almirante. Todos os oficiais trazem consigo uma espada. Os instrumentos envolvidos na brincadeira são: 06 pandeiros, também chamados caixas; apitos, que seriam levados por cada oficial; a buzina, levada pelo capitão-piloto; e a corrente, carregada pelos gajeiros.

Mouros: 1º. Embaixador; 2º. Embaixador; 3º. Embaixador; Ministro; duas Princesas; uma rainha; um rei, chamado também de Dom Sultão. O brincante refere-se aos mouros como piratas turcos.

Apresentações

As apresentações oficiais dos grupos são: Encontro Cultural, na manhã do domingo, após a coroação das rainhas das Taieiras; na Festa de Bom Jesus dos Navegantes, no mês do Folclore e em eventualmente quando convidado o grupo.

Acerca da evolução do grupo, muito pouco foi colhido, devido o pouco tempo dispensado para o mesmo brincante falar sobre a Chegança e sobre o Lambe-Sujo x Caboclinhos.

Lambe – Sujos x Caboclinhos

O líder dos lambe-sujos inicia sua abordagem acerca do folguedo declarando que os versos cantados são “códigos” ou narrativas. Cita como exemplo o verso:

“Eu chorei, nego chorou,

Cadê a mochila que o cão carregou?”

Segundo ele, em tempos de escravidão, um escravo ou capitão do mato ficava responsável por levar comida para aqueles que estivessem na lida do canavial. A comida ficava na sombra de uma árvore já acordada pelas partes. Certa vez, o escravo ali deixou a sacola com a comida dos trabalhadores, tendo vindo um cachorro que ao sentir o cheiro da comida, teria levado a sacola com a comida para si.

Zé Rolinha fala brevemente sobre o que seria o folguedo, colocando o roubo da rainha dos índios e a destruição dos quilombos como fatores emblemáticos. Ele se refere ao folguedo como próximo ao folguedo Quilombo, brincado em Alagoas. Quem fundou o lambe-sujos x caboclinhos teria sido um alagoano chamado Zé Medeiros, recriando a brincadeira alagoana em Laranjeiras. Ainda como fator importante na introdução dos detalhes da festa, o popular fala do atraso em chegar à abolição da escravatura no Nordeste brasileiro.

Instrumentos

O grupo dos lambe-sujos são de uma musicalidade indiscutivelmente interessante. Segundo Zé Rolinha, o toque é sempre o mesmo, o que muda é a toada. Fazem o maracatu do lambe-sujo: 01 caceteira, 08 atabaques, 06 ganzás, 08 cuicas (antes onça ou boi) e 02 pandeiros. Os caboclinhos obedecem a um tambor tocado pelo Cacique. O toque também é um só.

Participantes

O brincante relata que de brincantes registrados têm-se de 120 a 130 no grupo dos lambe-sujos, e entre 70 a 80 no grupo dos caboclinhos. No grupo dos negros, a faixa etária é variada, diferente do grupo dos índios que tem em sua composição a maioria de crianças.

As principais figuras do grupo dos lambe-sujos são: o príncipe, o Rei do Congo, Mãe Susana, o Pai Juá, o negro-forro e os taqueiros.

Do grupo dos caboclinhos: o Cacique, o príncipe e a princesa.

Indumentária

O elemento principal da indumentária do grupo dos lambe-sujos é a própria pele revestido do mel de cabaú, colhido na usina, juntamente com a tinta Xadrez de cor preta. Anteriormente, isso era feito com o pó do carvão pilado. Os negros vestem um calção feito de flanela vermelha e uma gurita do mesmo tecido. Levam consigo uma foice, representação do trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar. Atualmente, os brincantes se adornam com elementos contemporâneos, como óculos escuros, tênis, chupetas, além de adornarem as foices por vezes com espelhos ou desenhos. As roupas do príncipe, do rei, da Mãe Susana e do Pai Juá tem suas especificidades. Detalhes da roupa do rei tem como compostos medalhas, anéis, bonecos (calungas), areia brilhante. Segundo Zé Rolinha, os três fatores que definem a roupa real são: coroa, espada e o peitorio, e essa seria confeccionada tendo como referência a roupa de São Belchior, conhecido pelos negros como São Brechó.

Os caboclinhos pintam seu corpo somente com a tinta Xadrez vermelha fosca. A roupa é confeccionada à base de penas.

Evolução

Os preparativos finais acontecem desde o primeiro domingo de outubro, domingo anterior à realização da festa, em que ocorre o ensaio geral. No sábado seguinte, véspera do lambe – sujo x caboclinho, dois brincantes, um de cada grupo, vai à feira “tirar o esmolado”, ou seja, pedir aos feirantes e populares os ingredientes da feijoada. No sábado à tarde, alguns componentes dos dois grupos vão até um local identificado por Zé Rolinha como “riacho dos negros” retirar taquara e palhas de ouricuri e bananeira para construir o quilombo. Também retiram um tronco fino que será a “forca”, que representa o tronco de castigos, mas que na festa é onde o negro-forro fica vigilante a denunciar a chegada dos caboclinhos.

No domingo, os eventos começam às quatro horas da manhã com a alvorada festiva. Para avisar a cidade do começo da festa, os organizadores lançam foguetes de artifício. Zé Rolinha fala de como a festa acorda a cidade, e logo se corrige dizendo que na verdade, a maioria das pessoas nem dorme esperando pela festa. As fases do evento se iniciam mais propriamente às nove da manhã, quando os negros e os índios já estão devidamente pintados e paramentados. A primeira figura do lambe-sujo a

ser recebido pelos negros é o príncipe, representado pelo professor Rustão Zuzarte, que a partir de então comanda o grupo dos negros. O maracatu já está em execução e então o grupo circula a cidade até às 11:30, quando o grupo pára para que todos possam degustar a feijoada servida na casa de Zé Rolinha. Os caboclinhos também comem da feijoada.

Às 13:30 o grupo se forma novamente sob o comando do príncipe, e esses vão pegar o Rei do Congo, representado pelo próprio Zé Rolinha, enquanto isso os caboclinhos pegam o seu Cacique. Logo depois, os negros pegam o seu Pai Juá, que sai da casa que pertencia a Umbelina de Araújo, Mãe Bilina. Pegam ainda em outro lugar a Mãe Susana e o negro-forro, o rebelde que será o vigia do quilombo. Os índios, em companhia do seu Cacique, pegam sua princesa.

Os dois grupos se encontram em embaixadas ao longo do dia (grifo meu). Próximo ao fim da tarde, os lambe-sujos chegam à cabana armada às margens do rio, perseguidos pelos caboclinhos. O rei do Congo dá a ordem para o feitor e o príncipe raptarem a princesa dos índios. Primeiramente os vassalos índios negociam com o príncipe soltar a princesa deles. O negro-forro nesse momento grita para o rei vir ter com o Cacique. Muturi, o Cacique, bate três vezes com a espada nas espadas do príncipe, do Pai – Juá até chegar ao Rei. Na quarta e última embaixada, os índios vencem e prende as principais figuras.

Considerações

Durante várias vezes da conversa, Zé Rolinha declarou certa indignação com relação ao que seria o reconhecimento dos mestres populares. Citou alguns que já morreram e outros agora doentes que nunca tiveram alguma assistência. Fez um apelo direto ao Iphan que fortalecesse o trabalho de reconhecimento dos bens imateriais e que fossem tombados os de Laranjeiras.

4. Contato – referência: SE LAR 07 F1 A4 7

Entrevista com Mestre Deca, líder do Cacumbi realizada por Christiane Falcão, estagiária do Iphan ao dia 21 de novembro de 2007.

José Santana dos Santos

Aos 72 anos, Mestre Deca pensa em parar de brincar. A boa alternativa foi o filho Antônio Carlos assumir a coordenação do grupo, já que o mestre sente dores nas pernas constantes. Antônio Carlos diz ter brincado quando mais jovem, fundou o Cacumbi Mirim, mas parou de brincar a algum tempo. Deca diz ter começado a brincar ainda menino, e cita a seqüência de mestres que o comandaram: João Pita, Maçu, Otacílio, Braúna, Zé Luiz, Véio de Glória e Zezinho, que deixou o Cacumbi para seu Deca. Ele relata que na sua época os mestres eram muito rígidos, e que exigiam muito dos brincantes. Hoje ele diz ser mais brando.

Cacumbi

Mestre Deca inicia a entrevista dizendo que o Cacumbi “veio dos negros”, de África, e que seria uma “jornada quente, afogueada”. Segundo Mestre Deca, o Cacumbi representa uma guerra entre os negros e seus reis, e que tendo os negros vencido essa guerra, louvaram a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.*

Segundo Arthur Ramos, o Cacumbi seria a representação de algumas guerras entre monarquias africanas, e teriam relação com Congada.

Participantes

Brincam no Cacumbi aproximadamente 29 pessoas, todos homens, 14 em cada cordão, o Mestre na frente e o Contra-Mestre atrás. A faixa etária dos brincantes vai de 79 anos a 12. Deca conta que há algum tempo, os mais velhos não queriam muito os mais novos brincando, mas com o passar do tempo, muitos brincantes se desgostaram do folguedo por conta do que seu Deca chama de “descaso”, posto que eles não recebiam regularmente uma ajuda de custo para manter a indumentária e os instrumentos do grupo.

Instrumental e Música

Fazem o samba do Cacumbi: 02 cuícas, 08 pandeiros, 04 ganzás, 02 reco-recos e 02 caixas. Seu Deca diz ter em um caderninho escritas mais de 60 músicas de Cacumbi. Algumas bem antigas e outras compostas por ele.

Evolução

Seu Deca fala de dois tipos de jornadas: a de Rua e o Louvor. As viradas na evolução são marcadas pelo seu apito. Os brincantes divididos em dois cordões, brincam, e como toque do apito, fazem um círculo por fora dos cordões e depois dançam vindo por dentro de onde outrora estiveram os cordões. Outro passo do folguedo é o Zig-Zag, e, segundo ele, antigamente havia um passo que simulava a posição de lavar roupa no rio, que era bem puxado.

Indumentária

As figuras, como são chamados os brincantes, vestem uma camisa de duchese amarela e uma calça branca. O mestre e o Contra-Mestre vestem a camisa azul. Seu Deca nos fal que antigamente, havia duas fardas, que variavam as cores azul e amarela.

Os chapéus são enfeitados com muitas fitas coloridas, no formato napoleão, com espelhos e muita areia brilhante.

FICHAS DO INRC – levantamento preliminar em Laranjeiras:

Referências Culturais - Tipologia	Quantidade de registros	Observação
Ficha de Campo	1	FC1
Ficha de Sítio e Localidades	1	F10 Diante a escassez de dados sobre as localidades identificadas, optamos por registrar as informações existentes sobre localidades junto com as informações do Sítio.
Anexo 1 - Bibliografia	524	F1 A1 Referências sobre sítio e localidades inventariadas de forma globalizada nas referências bibliográficas. As fichas estão divididas em 06 (seis) blocos, separadas de acordo com cada pesquisador.
Anexo 2 – Registros Audiovisuais	194	F1 A2 Sítio e localidades inventariadas de forma globalizada.
Anexo 3 – Bens Culturais Inventariados	91	F1 A3 Sítio e localidades inventariadas de forma globalizada.
Anexo 4 - Contatos	32	F1 A4 Registros separados por localidades.

MÍDIA DIGITAL

- 01 (um) Cd contendo este relatório e contendo imagens, uma visão complementar do inventário preliminar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inventariar referências culturais em Laranjeiras, a princípio, parece atitude fácil, diante a grande possibilidade de fontes de informação. Contudo, mesmo que as informações saltem aos olhos, há uma imbricada rede de significações que precisam ser levadas em conta. Sobre as edificações, por exemplo, carecem estudos mais detalhados que expliquem a sua existência e permanência, e não as reduza apenas a datas e descrições, por vezes confusas e pouco elucidativas, de seus estilos arquitetônicos.

Os registros de natureza imaterial, por sua vez, não se limitam a sons e bailados nas ruas, e a mera repetição de gestos cotidianos, eles envolvem uma complexa dinâmica de representações que perpassa decisões políticas individuais e/ou coletivas e que mudam constantemente. Sem esquecer que todas as referências culturais não estão situadas no vazio, há contextos – tempo, espaço e mentalidades, que as definem e determinam suas existências e mudanças.

Cada inventário, principalmente aqueles que buscam aprofundar os simples registros, deve compreender esse processo, sobretudo, quando se fizer uso do material coletado. Sensibilidades não se mensuram em fichas, confiança entre pesquisador e entrevistado não se ganha em ‘dois tempos’. E estes são elementos intimamente relacionados e que não se pode esquecer na hora do registro e da utilização dos dados.

Entre os encaminhamentos possíveis, além do universo de informações obtidas com os dados registrados, propõe-se um olhar para Laranjeiras não apenas enxergando-a sob uma perspectiva de sítio histórico urbano, mas perceber que o município não está isolado das demais localidades, sobretudo aquelas que estão nas suas fronteiras geográficas. As heranças patrimoniais em Laranjeiras invocam interlocuções diretas e contínuas com um grande cenário que é a região sob influência do rio Cotinguiba, com um *modus vivendi* com grandes semelhanças. As heranças de natureza imaterial são os melhores exemplos de atestar essas relações. A religiosidade africana é uma marca cultural presente não apenas em Laranjeiras como também em Riachuelo, Divina Pastora, entre outros municípios próximos, assim

como as relações de parentesco, e tantas outras representações simbólicas em comum.

A fase inicial de Levantamento Preliminar em Laranjeiras, parte do Inventário Nacional de Referências Culturais, não conseguiu englobar todas as referências possíveis, mesmo porque não se pode esquecer que muitas das referências são dinâmicas, mesmo as que não são imateriais.

A dificuldade de preencher os formulários em campo, e atender os diagnósticos prévios também esteve presente, não por conta de metodologia em si, mas porque as pessoas parecem um tanto saturadas de questionamentos, apesar de nossas explicações, por vezes ficava difícil oferecer possibilidades reais do destino e resultados das informações cedidas.

Como também, por mais óbvio que pareça, nota-se que há que se ter o cuidado com os horários para os contatos, como também ter conhecimento dos acontecimentos que interferem diretamente na abordagem. Alguns informantes não se recusaram, mas optaram por não responder naquele momento por questões pessoais de demissão, morte em família entre outras causas, além de seus afazeres cotidianos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORSINO, Célia e ARANTES NETO, Antônio Augusto. **Inventário Nacional de Referências Culturais**: Manual de Aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

DANTAS, Beatriz Góis. **Dança de São Gonçalo**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Nacional Brasileiro, 1976.

Documento eletrônico

Certificação publicada no Diário Oficial da União em 06 de janeiro de 2006. Fonte: www.palmares.gov.br. Acessado em 31/10/2007. Cultural Palmares e mapa de localização da localidade Mussuca

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALCÂNTARA, Maria de Lourdes B. de e SADER, Regina T. Paisagem e Cultura. **Imaginário**. São Paulo. NIMI-LABI/USP. n. 5, p. 83-89, 1999.

ARIÈS, Philipe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 154-176.

ARRUTI, José Maurício Andion. Comunidades Negras Rurais: entre a memória e o desejo. **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro. Ano 20, n. 298, p. 15-18, mar./abr., Suplemento Especial, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

COLLIER JR., John. **Antropologia Visual**: a fotografia como método de pesquisa. Tradução de Iara Ferraz e Solange Martins Couceiro. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

DANTAS, Beatriz Góis. **A Taieira e Sergipe**: uma dança folclórica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

_____. O jogo da memória: dos registros das lembranças às representações sobre as etnias no Lambe-sujo X Caboclinho. In: NASCIMENTO, Bráulio do. **Estudos em Homenagem a Manuel Diegues Júnior**. Rio de Janeiro: Comissão de Folclore; Maceió: Instituto Arnon de Mello, 1991. p. 47- 58.

_____. **Laranjeiras**: entre o passado e o presente. 28 de Março de 2007. 24p.

DIAS, Margot. **Instrumentos Musicais de Moçambique**. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical. Centro de Antropologia Cultural e Social, 1986.

FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1977.

_____. **História Territorial de Sergipe**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe/Secretaria de Estado da Cultura/FUNDEPAH, 1995.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Novos ensaios em antropologia interpretativa. 4. ed. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LARANJEIRAS. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, v. XIX, 1959. p. 349-355.

NUNES, Verônica Maria Meneses. **Laranjeiras**: de cidade histórica a encontro cultural. Busca de elementos para integração da ação cultural. Dissertação. (Mestrado em Administração de Centros Culturais). Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

_____ e NOGUEIRA, Adriana Dantas (orgs.). **O despertar do conhecimento na colina azulada**: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras. São Cristóvão: UFS, 2007.

OLIVEIRA, Filadelfo Jônatas de. **História de Laranjeiras Católica**. Aracaju: SEC, 2005.

PROJETO Identidade Laranjeiras. Módulo 1 – monumentos religiosos, civis e naturais. Módulo 2 – manifestações culturais. [S.l.:s.n], [2006?].

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

ANEXOS

ANEXO A

ANEXO B